

Maio de 68: estudantes, operários e o silêncio feminino

CELUY ROBERTA HUNDZINSKI*

Resumo: Três pontos são abordados sobre o mítico maio de 1968, na França. Primeiramente, o acontecido: como os estudantes iniciaram um movimento que mudou profundamente a mentalidade francesa. Num segundo momento, uma síntese das marcas trazidas para os dias de hoje, dando uma visão pessoal do sentimento em relação ao assunto quando abordado com pessoas que o vivenciaram. Por fim, uma explicação sobre o feminino de maio de 1968, com uma breve análise interpretativa da imprensa e da divulgação (folders, cartazes, etc.) da época com relação às mulheres, mostrando que elas estiveram, no “silêncio”, como diz Michelle Perrot, mas que não foi um silêncio estéril.

Palavras-chave: Movimentos; Contestação; Mulheres; França; Política; Greves.

Resumé: Trois points sont traités sur le mytique mai 1968, en France. D'abord, le fait: comment les étudiants ont débuté un mouvement qui a changé grandement la mentalité française. Dans un deuxième moment, une synthèse des marques amenées à nos jours, en montrant le ressenti personnel par rapport à quand on aborde le sujet avec ceux qui l'ont vécu. Finalement, une exposition sur le féminin de mai 68, avec une brève analyse interprétative de la presse et de la diffusion (tracts, affiches, etc.) de l'époque par rapport aux femmes, en montrant qu'elles ont été dans le “silence”, comme le dit Michelle Perrot, mais qui n'a pas été un silence stérile.

Mots-clés: Mouvements; Contestation; Femmes; France; Politique; Grèves.



* **CELUY ROBERTA HUNDZINSKI** é DEA em Filosofia pela Universidade Paris X – Nanterre. Professora Coordenadora de Português na Escola Politécnica / École Polytechnique ENSTA (École Nationale Supérieure de Techniques Avancées) – Palaiseau – França. Coordenadora pedagógica do CLPN (Certificado de Língua Portuguesa para Negócios) – Câmara do Comércio do Brasil na França – CCBF. Diretora fundadora da Coati Langues. Tradutora e intérprete.

Quem, como, aonde, porquê

Uma série de fatores contribuiu para que o movimento de maio de 68, a maior e mais longa greve geral francesa, ocorresse. Seria simplista dizer que tenha sido uma manifestação estudantil, apesar de ter nascido no seio da Universidade de Nanterre e tomado forças na Sorbonne.

O conservadorismo Gaulista não agradava aos jovens que ansiavam maior liberdade em vários aspectos, tal qual a expressão sexual, intelectual, etc.. Contestar as rígidas regras dos alojamentos universitários para poder aceder ao alojamento do sexo oposto era uma prioridade para que os alunos afirmassem seu lado adulto. Contudo, questões mais profundas já haviam sido levantadas desde o início dos anos 1960, a minoria ativista universitária, dominada pela UNEF (União Nacional dos Estudantes Franceses)¹, começava a manifestar contra várias coisas: a guerra na Argélia, a Reforma Educacional de Fouchet², e demais.

A esquerda implantou suas ideias e os modelos revolucionários como o cubano Fidel Castro, o chinês Mao Zetong, o argentino Che Guevara, ..., tornaram-se exemplos a serem seguidos. Trotskismo, maóismo, anarquismo, etc., tudo era válido para combater os resquícios monárquicos, imperialistas, e o capitalismo burguês, chamado

1 A UNEF foi criada em 1907 com o nome de “Associações Gerais dos Estudantes de Várias Cidades Universitárias”, desenvolvida após a Grande Guerra com obras sociais graças a mecenas públicos e privados. Tornou-se um sindicato e deu origem, entre outros, ao plano de saúde estudantil obrigatório.

2 Decreto de 22/06/1966 estipulava 2 ciclos de estudos, sendo o primeiro: 2 anos de curso para obter o diploma universitário de Estudos Literários e para o diploma de Estudos Científicos, e o segundo: 1 ano de bacharelado ou 2 anos para obter uma especialização equivalendo à iniciação à Pesquisa.

“totalitarismo burocrático”, da velha França. Diversas facções uniram-se num só grito de libertação: cristãos, judeus, marxistas, trotskistas, ...

Começaram a surgir publicações e revistas, com a finalidade de denunciar, exprimir a ideia e o sonho de uma revolução moderna, entre as quais, podemos citar a “Nouvelle Clarté” (Nova Claridade) publicada pela Juventude do Partido Comunista composta de jovens trabalhadores e estudantes do ensino médio.

A União dos Estudantes Comunistas era um dos movimentos dessa juventude, bem como a JCR – Juventude Comunista Revolucionária, fundada por Alain Krivine após sua exclusão do Partido Comunista Francês – PCF, juntamente com outros excluídos, devido às tendências violentas voltadas para o stalinismo. Krivine militou à frente do Movimento de maio de 68 e, depois de ter passado um tempo na prisão, criou, em 1969, a Liga Comunista Revolucionária – LCR.

Criado em 1957 nos Países Baixos e instalado em Estrasburgo, em 1966, o Movimento Situacionista foi considerado o mais radical do momento, acreditando que somente uma revolução seria a solução para a época.

De acordo com a militante Julieta, “Mas, se uma revolução é, também, invenção, transformação profunda das mentalidades, então, talvez tenha havido uma revolução em 68.”³ (BAUER, 2018). Revolução ou não, algo muito importante aconteceu.

Não se pode falar de maio de 68 sem falar da Universidade de Nanterre. Sua

3 Tradução nossa. “Mais si une révolution, c'est aussi invention, transformation profonde des mentalités, alors, il y a peut-être eu une révolution en 68.” BAUER, Monique. Filles de Mai – 68 mon mai à moi – Mémoires de Femmes. Lormont, Le Bord de l'Eau, 2018, p. 132.

construção começou em 1962 e, em 1967, ainda não tinha sido acabada. Em novembro deste ano, o departamento de Sociologia, animado por jovens católicos, iniciou um grande movimento grevista contra a reforma Fouchet, o ensino, entre outros. Esse movimento cresceu enormemente, passando de uma dezena de pessoas, em novembro de 67, a quase mil em abril de 68, o que justificou a presença da UNEF (União Nacional dos Estudantes da França).

Naquela época, os estudantes manifestavam por terem que assistir aulas em locais estreitos, inacabados e repletos, onde, muitas vezes, deviam ficar em pé. Além disso, estando relativamente distantes de Paris, não podiam ter uma vida social e cultural adequada (bares, cinemas, teatros, ...). Isso afetava, sobretudo, as moças que, apesar de maiores, não tinham o direito de permanecer fora do alojamento depois das 23 horas.

Outras universidades, em diferentes cidades francesas, começaram a protestar contra a proibição da frequência dos alojamentos pelo sexo oposto e outras razões sexistas.

Porém, na verdade, maio de 68 começou em março, quando no dia 22, após a prisão de estudantes de Nanterre que manifestavam contra a guerra do Vietnã, 142 de seus colegas tomaram a sala do Conselho que, logo, tornou-se um fórum permanente.

Paralelamente, os operários, em greve, reivindicavam um salário de 1000 Francos na região de Paris, a aposentadoria aos 60 anos e a semana de 40 horas pagas como horas extras, visto que a queriam a carga horária semanal deveria a 35h. Os estudantes, apesar de considerarem essas reivindicações sem relação direta com eles, tomaram os operários como exemplo, tal qual podemos verificar no

excerto de um panfleto do Movimento de 22 de março:

“São reivindicações justas e antigas. Parecem, no entanto, não ter nenhuma relação com nossos objetivos. (...) Essas lutas são mais radicais que nossas legítimas reivindicações, pois não buscam, somente, melhorar o futuro dos trabalhadores no sistema capitalista, mas implicam a destruição desse sistema. (...) Nossas lutas são convergentes. (...) É preciso unir as empresas às faculdades ocupadas.”⁴
(ALARY, 2017)

No dia 2 de maio, eles já são numerosos e a Universidade é fechada, o que não afetou o protesto que foi transferido para a Sorbonne. A intervenção da polícia, prendendo os homens e liberando as mulheres, causou o descontentamento destas que diziam não serem levadas a sério. Foi assim que, juntamente com estudantes do ensino médio, começaram uma rebelião dando origem às manifestações mais densas.

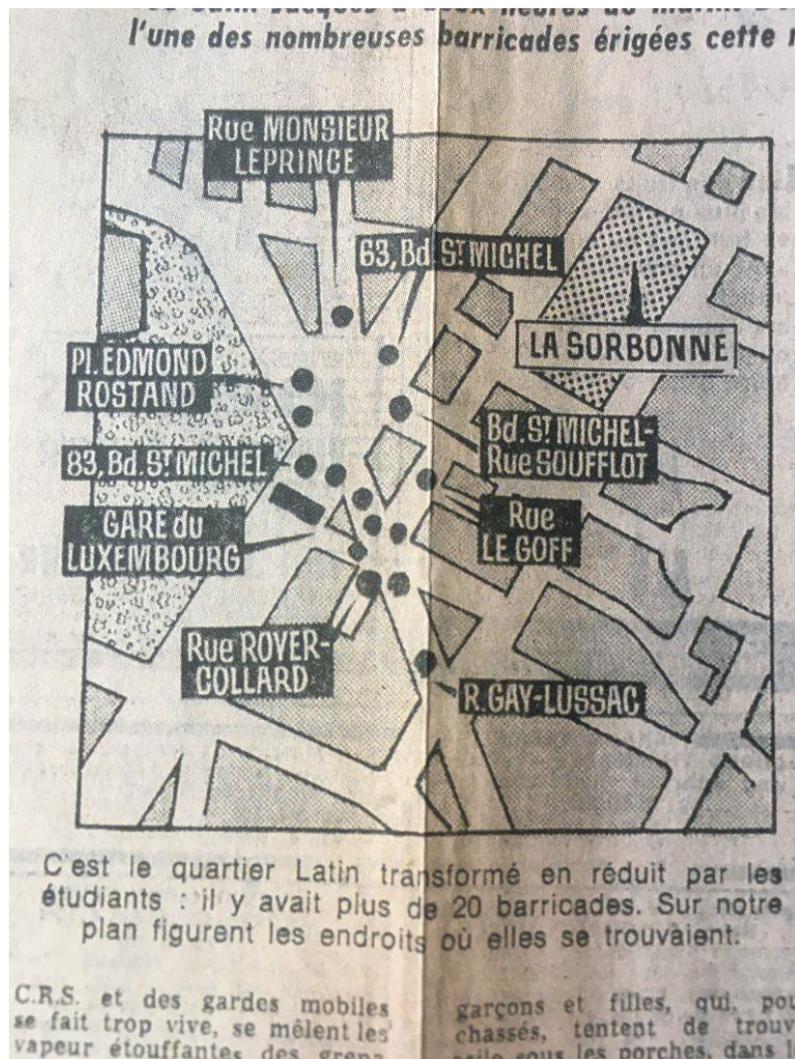
Entre os principais nomes que encabeçavam o movimento, podemos citar Krivine, Jacques Sauvageot, Alain Geismar e Daniel Cohn-Bendit apelidado de “Dany le Rouge” (Dany o Vermelho), trocadilho entre sua militância de esquerda e sua aparência ruiva.⁵

4 Tradução nossa. “Ce sont des revendications justes et anciennes. Elles paraissent pourtant sans rapport avec nos objectifs. (...) Ces luttes sont plus radicales que nos légitimes revendications parce qu’elles ne cherchent pas seulement une amélioration du sort des travailleurs dans le système. (...) Votre Lutte et notre lutte sont convergentes. (...) Il faut faire la jonction entre les entreprises et les facultés occupées.” Panfleto do Movimento de 22 de março de 1968. In: ALARY, Éric. Il y a 50 ans... Mai 68. Paris, Larousse, 2017.

5 Daniel Cohn-Bendit escreveu, juntamente com o militante anarquista Jean-Pierre Duteil, a obra: “O Esquerdismo, remédio para a doença senil do comunismo”. Le Gauchisme, remède à la maladie sénile du communisme. Paris, Seuil, 1968.

O dia 6 de maio foi considerado o início da violência crítica, contando com 1500 policiais contra 6000 estudantes. Nos dias que se seguiram, o número de manifestantes aumentou. Operários e servidores públicos entraram em greve. Porém, após uma calma aparente, foi no final do protesto que ocorreram as 5 mortes: 2 estudantes, 2 operários e 1 policial.

Ainda que as forças armadas tenham prendido os estudantes com o objetivo de acalmar a situação e, evidentemente, mostrar que esses estavam perturbando a paz e destruindo Paris (arrancando os paralelepípedos, incendiando carros, quebrando bancos, arrancando árvores, etc.), com a intervenção da imprensa, que tornava a situação ainda mais dramática, o efeito foi inverso: “Quanto mais os policiais caceteiam os estudantes caídos, mais a opinião toma partido da causa dos jovens manifestantes. As condenações decorrentes das primeiras prisões, que deveriam pacificar os dissidentes, surtem, além do mais, efeito inverso.” (ALARY, 2017)⁶



“A noite das barricadas...”

6 Tradução nossa. “Et plus les policiers matraquent des étudiants au sol, plus l'opinion prend parti pour la cause de jeunes manifestants. Les condamnations qui suivent les premières arrestations, censées apaiser les contestataires, ont, de plus, l'effet inverse.” ALARY, Éric. Il y a 50 ans... Mai 68. Paris, Larousse, 2017. P.39.

A noite das barricadas aconteceu de 10 para 11 de maio, onde muitos acreditaram em uma verdadeira revolução. Este episódio marcou as manifestações. O jornal *France Soir* publicou, no dia seguinte: “Não é exagero dizer que o banho de sangue foi evitado por pouco, no coração da capital, esta noite.” (ALARY, 2017).⁷

A partir de então, operários e estudantes passaram a manifestar juntos, saindo, pela primeira vez na V República, às ruas no dia 13 de maio, aniversário do Motim da Argélia. Com dizeres tais: “Abaixo a repressão, liberdade e democracia! Viva a união dos trabalhadores e dos estudantes!” “União de todas as forças populares contra o poder Gaulista” (ALARY, 2017)⁸.

A greve geral desse dia reivindicava a anistia dos manifestantes condenados e renúncia a toda perseguição judiciária, administrativa e universitária; pela liberdade sindical e política e pela concretização de suas aspirações comuns: reforma democrática do ensino a serviço dos trabalhadores, emprego e transformação do sistema econômico por e para o povo, a reabertura das faculdades, e a abertura de uma enquete sobre as brutalidades policiais.

De acordo com o jornal *L'Humanité*:

“Todas as outras reivindicações surgem dessa exigência primeira: uma reforma democrática da Universidade que abolirá toda segregação social, porá fim ao recrutamento tecnocrático

7 Tradução nossa. “Il n'est pas exagéré de dire que le bain de sang a été évité de justesse, au cœur de la capitale, cette nuit. France Soir, Dernière heure. Paris, Dimanche, 12 mai 1968. P. 4. In: ALARY, Éric. Il y a 50 ans... Mai 68. Paris, Larousse, 2017.

8 Tradução nossa. “Halte à la répression, liberté, démocratie! Vive l'union des travailleurs et des étudiants!” “Union de toutes les forces populaires contre le pouvoir Gaulliste” *L'Humanité*. Paris, 13-05-1968. P. 5. In: ALARY, Éric. Il y a 50 ans... Mai 68. Paris, Larousse, 2017.

em uma casta submetida aos monopólios, que garantirá o direito de discutir a orientação dos programas dos cursos e das aulas. Essa reforma comportará uma participação ativa na vida nacional, afim de criar oportunidades no mercado de trabalho intelectual não em função do aproveitamento de alguns, mas em função da necessidade de todos.” (ALARY, 2017)⁹.

Apesar disso, em 18 de maio, Eugène Descamps, secretário geral da CFDT (Confederação Francesa Democrática do Trabalho), declarou que a luta dos estudantes na França deu uma nova consciência ao movimento operário, mas que, no entanto, a união entre esses dois mundos continuará sendo superficial, considerado por muitos como um diálogo impossível.

Como vimos, anteriormente, o movimento não se limitou a Paris. “O oeste quer viver”¹⁰ (ALARY, 2017) é o lema das associações católicas, comunistas, regionalistas e sindicalistas que se uniram em Brest, enquanto que, em Rennes, são empunhadas bandeiras vermelhas e pretas da anarquia. Cerca de 200 tratores bloquearam Nantes no dia 13 de maio, marcando a força dos agricultores bretões. A maioria das cidades universitárias implicou-se. Uma grande revolução cultural seguiu-se, pois, todos

9 Tradução nossa. “Toutes les autres revendications découlent de cette exigence première: une réforme démocratique de l'Université qui abolira toute ségrégation sociale, mettra fin au recrutement technocratique dans une caste soumise aux monopoles, qui garantira le droit de discuter de l'orientation des programmes et des cours. Cette réforme comportera une participation active à la vie nationale afin de créer des débouchées au travail intellectuel non en fonction des profits des quelques-uns, mais en fonction des besoins de tous.” *L'Humanité*. Paris, 13-05-1968. P. 5. In: ALARY, Éric. Il y a 50 ans... Mai 68. Paris, Larousse, 2017.

10 Tradução nossa. “L'ouest veut vivre”. ALARY, Éric. Il y a 50 ans... Mai 68. Paris, Larousse, 2017.

comprometidos com o movimento não deixaram de fora a grande Escola de Belas Artes de Paris, o Teatro Odéon, o Teatro de França, o Teatro Nacional e o famoso Festival de Cannes que, nesse ano, não premiou ninguém. Tudo deveria ser politizado: filmes, músicas, etc..

Mesmo a Igreja Católica e outros cristãos aderiram ao manifesto e pronunciaram-se contra a violência policial, o que influenciou grandemente a opinião pública. Segundo o jornal *Témoignage Chrétien* (Testemunho Cristão), “Na segunda-feira, 13 de maio, os cristãos manifestaram em massa. Pode-se ver, até mesmo, padres, responsáveis da catequese dos colégios de ensino fundamental e médio.¹¹” (ALARY, 2017).

O desfecho

François Mitterrand, presidente da Federação da Esquerda Democrática e Socialista, juntamente com Mendes France, propôs um governo provisório que não acontece. O povo clamava por um governo popular, alguns querendo mudar completamente, outros não.

O presidente Charles De Gaulle é indesejado no poder e, perito em guerras, não sabia lidar com os estudantes. Desnortado, perguntou aos seus dois netos, que manifestavam na Sorbonne, como deveria agir. A situação havia alargado-se tanto que nem mesmo eles, apesar da ideia clara do que queriam, souberam aconselhar concretamente o avô. Aparentemente, todos haviam perdido o controle da situação. Assim, dia 29 de maio, De Gaulle desapareceu. Partiu a Baden-Baden, na Alemanha, sem dar notícias por um dia. Estratégia para alguns, contudo, para a oposição, isso se deu pelo fato de sua esposa ter sido interpelada e ameaçada na rua.

Aconselhou-se com o general Jacques Massu e admitiu, aos seus, não querer que sua família fosse afetada, retornando só.

De volta, De Gaulle prometeu eleições legislativas para junho, aumentou o salário dos operários, e uma brisa de paz começou a soprar. As greves vão parando pouco a pouco. No dia 6 de junho, as crianças retomam as aulas. Um ano depois, o presidente pede demissão.

As mudanças aconteceram devagar. Nos Colégios de Ensino Médio as adolescentes obtiveram a permissão para irem de calças e maquiadas. Fumar era permitido em locais apropriados. Sindicatos foram instaurados e o debate político autorizado.

No ensino, em geral, houve uma reforma, os conselhos de classes passaram a ter representantes dos pais e dos alunos, e os conselhos administrativos passaram a ser compostos de representantes dos empregados, dos pais, dos alunos e de pessoas externas comissionadas.

As universidades tornaram-se autônomas e geraram as modificações como quiseram, sem depender umas das outras. As moças obtiveram o direito de voltar tarde para os alojamentos e de receberem os moços, e vice-versa.

E agora?

Muitos afirmam que, cinquenta anos depois, ainda é difícil medir com exatidão as consequências culturais de maio de 68. Todos os franceses têm algo a dizer, de bom ou de ruim. A maioria concorda com os manifestantes, mas muitos criticam os meios, ainda que os entendam. A violência policial é, sem dúvida, criticada com veemência.

Quando é posta a pergunta “Como você viveu maio de 1968?”, os olhos brilham, um sorriso leve e temeroso é estampado, recordações são visíveis nas expressões faciais. As primeiras respostas são: “Faltava-nos comida, porque os pais, em

11 Tradução nossa. TC – jeudi 16 mai. P. 13 In: ALARY, Éric. Il y a 50 ans... Mai 68. Paris, Larousse, 2017.

greve, não receberam durante quase dois meses.”, “O transporte dificultou nossa vida.”, “A paisagem era caótica!”, “Íamos para a escola, somente, das 11h às 13h para comer.”, “As pessoas eram solidárias.”, “Alguns atravessavam Paris a pé para ir e voltar do trabalho... os que conseguiram trabalhar...”.

O espírito de 1968, mais contestatário que revolucionário, é lembrado, com frequência e, ainda tem dois gumes. Uns exaltando-o, outros querendo exterminá-lo, como recentemente afirmou Emmanuel Macron, atual presidente da França.

Nos dias de hoje, cartazes e frases utilizados durante as manifestações de 1968 são adaptados e empregados como diversas formas de protesto. Entre alguns exemplos mais conhecidos temos: “É proibido proibir”, “Civismo rima com fascismo”, etc.. O punho levantado e as chaminés das fábricas perduram como símbolo dos sindicatos dos operários, e “a luta continua”!

Recentemente, na ocasião de alguns atentados, foi retomada e adaptada a frase escrita num cartaz referente a Daniel Cohn-Bendit, com sua foto, passando de “Somos todos judeus alemães” ou “Somos todos indesejáveis” para “Eu sou Charlie”, “Eu sou ...”, provando, mais uma vez, que nada se cria, tudo se transforma.

Alguns questionam se, com as greves atuais na França, não estariam querendo recomeçar. Da boca de certos estudantes podemos ouvir: “Por que não maio de 2018?”. Outros nem cogitam a ideia.

Os franceses aprenderam, há 50 anos, a manifestar, debater, criticar, politizar. As greves não são mais como antes. As escolas não são mais as mesmas. Os alunos têm uma outra visão de mundo, ainda que não expressem grande importância a essa luta que os permitiu

opinar durante as aulas. As mulheres não percebem mais se vestem calças ou saias, se dormem com os namorados ou sozinhas, se maquiam-se pouco ou muito. No entanto, sobretudo para estas, a luta começada há meio século ainda engatinha.

Mulheres

As mulheres apareciam frequentemente nas fotos, tanto quanto os homens, mas não tomavam a palavra e não ocupavam a liderança do movimento. Agiam nos bastidores e fora deles, mas não eram reconhecidas. Não as declararam explicitamente responsáveis pelo início dos motins, junto com os estudantes menores.

Muitas testemunharam ter lido Simone Weil, Louise Michel e Claire Etcherelli. Protestavam contra as mesmas coisas que os homens, porém, sobretudo porque não conseguiam encaixar-se no que a sociedade da época ditava: casar-se, ter filhos, cuidar da casa e do marido,

Porque as mulheres não tomaram à frente e abdicaram-se do verbo uma vez mais, num momento tão importante? Talvez, por estarem, ainda, habituadas a esse silêncio que as acompanhou até então. Tendo sido quebrado parcialmente pelas operárias no início daquele século. O tal silêncio da História, invocado por Michelle Perrot¹², em que a única forma de expressão escrita eram os diários íntimos, tendo a oralidade como primeira arma, que poderia ser utilizada, somente, em recintos familiares, longe de olhares masculinos. Silêncio que foi contado, ao longo da história, até o século XX, exclusivamente por homens.

Para muitas, maio de 1968 foi de um feminino silencioso por ter sido uma revolução interna, onde, além de confeccionarem panfletos e cartazes,

12 PERROT, Michelle. Les femmes ou les silences de l'histoire. Paris, Flammarion, 1998.

estavam tecendo seu próprio interior, decorando-o, instruindo-o, politizando-o, tomando coragem de ser elas mesmas, de recusar o que não convém. A mulher queria o direito de ser considerada normal se decidisse ser só e autônoma, se não quisesse um marido e se sua vida profissional lhe bastasse.

Marie, militante, disse que “... a verdadeira revolução não é a imposta em nome de uma ideologia ou de um poder; mas a travada individualmente, para construir seu próprio sistema de valores.”¹³ (BAUER, 2018).

Elas sabiam que não seria de imediato, que o caminho seria longo, que essa revolução interna amadureceria e tomaria forma nos anos seguintes. Que essas ideias entrariam pouco a pouco na sociedade. Sabiam que seria difícil, só não sabiam quanto tempo demoraria. A segunda vaga feminista na França, não nasceu em maio de 1968, mas foi germinada durante os anos 1960 para brotar nos anos 1970.

Ludivine Batigny, militante, define-as: “Filhas de maio: uma espécie de revelação do que somos, à maneira de um segundo nascimento, de um desvelamento, de uma retomada de consciência e de confiança.”¹⁴ (BAUER, 2018). Saíram mais fortes desse renascimento. Aprenderam a dizer sim e não. Aprenderam a ensinar a geração

seguinte. Perceberam que não eram meros objetos decorativos, que eram um ser completo e independente. Descobriram que a palavra podia curar, que podiam falar, compartilhar, exprimir-se. Foram poetas, expressaram sentimentos, não tiveram medo de mostrar o lado belo e nem o belo lado intelectual. Foram fortes, inteligentes, persistentes e pacientes. Foram e ainda são!

A imprensa da época citava-as somente, em segundo plano, como podemos conferir nos excertos do jornal *L'Humanité*: “..., as moças explicam como podemos nos proteger dos gases lacrimogênicos.” (ALARY, 2017)¹⁵. Às vezes, para dar um ar mais dramático: “E agora, o sangue escorre. Numerosos são os feridos, moços e moças, que, perseguidos, tentam encontrar asilo sob os alpendres, nos corredores. Suplicam que lhes abram uma porta.” (ALARY, 2017)¹⁶. “O balanço dos combates... será pesado: centenas de jovens e moças, e membros do serviço de ordem feridos, ...” (ALARY, 2017). Aqui, o repórter utiliza o termo “jovens” para referir-se aos adolescentes entre 14 e 15 anos, estudantes do ensino médio, que se juntaram aos universitários, clamando liberdade de discussão política nos colégios. Desta forma, as mulheres são colocadas no mesmo patamar que eles. Eram comparadas aos frágeis, como durante a tomada da fábrica Sud-Aviation, no dia 14 de maio, onde mulheres e operários mais idosos foram autorizados a sair.

13 Tradução nossa. “... la véritable révolution n'est pas celle imposée au nom d'une idéologie ou d'un pouvoir; mais celle menée individuellement, pour construire son propre système de valeurs.” BAUER, Monique. Filles de Mai – 68 mon mai à moi – Mémoires de Femmes. Lormont, Le Bord de l'Eau, 2018. P.85.

14 Tradução nossa. “Filles de mai: une sorte de révélation de ce qu'on est, à la manière d'une seconde naissance, d'un dévoilement, d'un regain de conscience et de confiance.” BAUER, Monique. Filles de Mai – 68 mon mai à moi – Mémoires de Femmes. Lormont, Le Bord de l'Eau, 2018. P. 168.

15 Tradução nossa. “..., des jeunes-filles expliquent comment on peut se protéger des gaz lacrymogènes.” *L'Humanité*. Paris, 13-05-1968. P. 4. In: ALARY, Éric. Il y a 50 ans... Mai 68. Paris, Larousse, 2017.

16 Tradução nossa. “Et maintenant le sang coule. Nombreux sont les blessés, garçons et filles, qui, pourchassés, tentent de trouver asile sous les porches, dans les couloirs. Ils supplient qu'on leur ouvre une porte.” *L'Humanité*. Paris, 13-05-1968. P. 5. In: ALARY, Éric. Il y a 50 ans... Mai 68. Paris, Larousse, 2017.

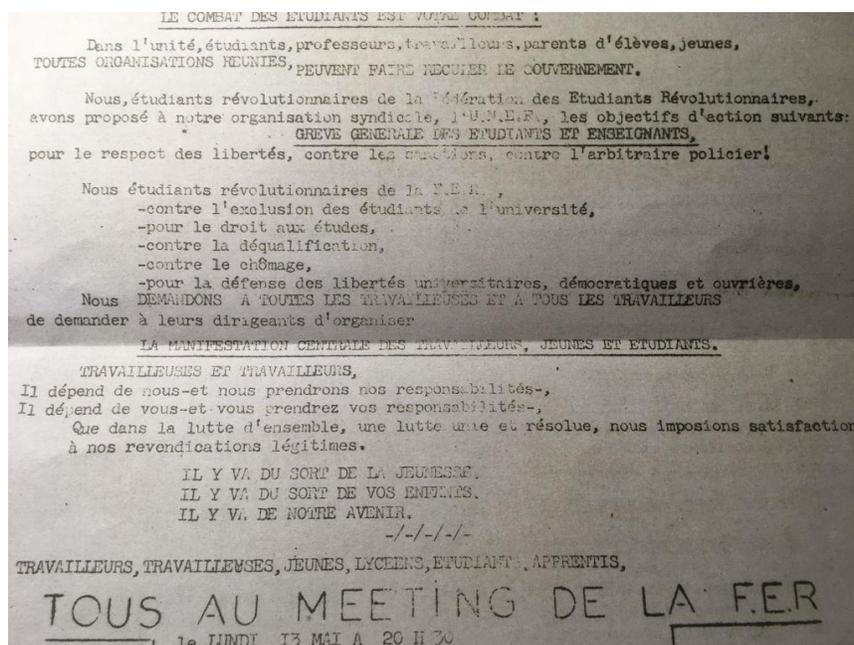
Além de serem citadas quando se referiam às escolas para meninas, elas são, igualmente, lembradas em alguns panfletos e cartazes de convocações de greves: “Na RATP (*Régie Autonome de Transports Parisiens* – equivalente à RFFSA brasileira), os sindicatos CGT (*Confédération Fédérale du Travail* – Confederação Federal do Trabalho), CFDT (*Confédération Française Démocratique du Travail* – Confederação Democrática do Trabalho) e FO (*Force Ouvrière* – Força Operária) convocam o conjunto de trabalhadoras e trabalhadores da rede...” (ALARY, 2017) pelo fato de haver muitas mulheres operárias que foram obrigadas a trabalhar no período pós-guerra.

Algumas, que apoiavam a manifestação, apareciam de acordo com seus cargos: Anne-Marie de Cailiot – assistente na Faculdade de Ciências de Paris, Marie-Elisa Cohen – mestre assistente da Faculdade de Ciências de Orsay, Collette Ducros – mestre assistente da Faculdade de Ciências de Paris, Denise François – assistente na Sorbonne, Madeleine

Guilbert – mestre de pesquisa no CNRS (*Centre National de Recherche Scientifique* – Centro Nacional de Pesquisa Científica), Kovoov – encarregada de pesquisa no CNRS, e outras, todas com um certo grau de estudos.

Quanto aos cartazes, eram dirigidos diretamente às mulheres quando tinham o objetivo de convencer, como no exemplo: “Trabalhadores, trabalhadoras, jovens, estudantes do ensino médio, estudantes, aprendizes, ...”, somente “trabalhadoras” está declinado para o feminino, sendo que mais duas outras palavras poderiam sê-lo (*lycéens / lycéennes; étudiants / étudiantes*). Entretanto, como as mulheres, os estudantes de ensino médio também foram destacados, pois poderiam ter sido incluídos em “estudantes” ou ainda em “jovens”. Mais uma vez, as mulheres foram colocadas no mesmo lance que estes.

No verso deste folder, encontramos o termo no feminino antes de todos os outros, em maiúsculas:



“ROGAMOS A TODAS AS TRABALHADORAS E A TODOS OS TRABALHADORES que peçam aos seus dirigentes para organizar A MANIFESTAÇÃO CENTRAL DOS TRABALHADORES, JOVENS E ESTUDANTES.

Em seguida, o apelo “TRABALHADORAS, TRABALHADORES”:

“Depende de nós – e nós assumimos nossas responsabilidades. Depende de vocês – e vocês assumirão suas responsabilidades” e, logo abaixo, alegando que o futuro depende dessa tomada de responsabilidade, citam a juventude, os filhos/crianças e o futuro, termos que atingem, particularmente, a sensibilidade materna.

Apesar da discricção, no dia 13 de maio, foi montado um stand político do FMA (Feminino, Masculino, Futuro) que surgiu do Movimento democrático Feminino. Desde 1967, quando foi criado por Anne Zelensky e Jacqueline Feldman, a Associação mista organizava debates sobre o gênero. Em 1970, deixou de ser mista e passou a chamar-se “Feminismo, Marxismo, Ação”.

No dia 14 de maio, uma comissão decretou, à Escola de Medicina de Paris, a abolição do mandarinato exclusivamente masculino. Começaram os debates contra as hierarquias tradicionais, os questionamentos quanto às normas sexuais e a divisão de tarefas entre homens e mulheres. As operárias reivindicavam horários de trabalho menos pesados e salários idênticos aos dos homens.

Em 1971, aconteceu a primeira edição do “*Torchon brûlé*” (A queima dos panos de pratos) organizado pelo MLF – *Mouvement de Libération des Femmes* (Movimento de Libertação das Mulheres)

que começou a mostrar-se presente nas universidades.

Os anos 1970 mostraram os frutos femininos do maio de 1968. Desde então, as mulheres buscam a liberdade de circular livremente e de não serem consideradas como presas, podendo exercer livremente sua sexualidade sem o medo de serem violentadas; buscam uma mudança da sociedade patriarcal; o direito de disporem de seus corpos como quiserem; a igualdade de gêneros, não somente no trabalho, como já queriam as operárias que manifestaram anteriormente, As filhas de maio não abaixaram os braços, não largaram as bandeiras. Ainda hoje continuam a guerra, já com várias batalhas vencidas. Se não fossem a ousadia silenciosa delas durante os anos 1960 e a tomada do verbo na década seguinte, não estaríamos nem onde estamos hoje.

Dessa discricção, desse silêncio “perrotiano”, nasceram frutos tão importantes que, na correria hodierna, não nos damos conta, apesar de fazerem parte do nosso cotidiano.

“Tenho vontade de reivindicar a linda canção de Signoret: *A nostalgia não é mais a mesma*. Muito nostálgico.

Gosto de nostalgizar,
Sobre 68-70, a primavera,
sobre 80-85, o verão da minha vida,
Agora, é o outono, e é minha estação preferida.
Então... eu vivo.” (Luce, militante)¹⁷
(BAUER, 2018).

17 Tradução nossa. “J'ai envie de revendiquer le très beau titre de Signoret: La nostalgie n'est plus ce qu'elle était. Très nostalgique. J'aime bien nostalgiser, Sur 68-70, le printemps, Sur 80-85, l'été de ma vie, Maintenant, c'est l'automne et c'est ma saison préférée, Alors... je vis. BAUER, Monique. Filles de Mai – 68 mon mai à moi – Mémoires de Femmes. Lormont, Le Bord de l'Eau, 2018. P. 108.

Conclusão

Nota-se que três foram as crises que marcaram o maio de 1968. A primeira foi o ponto de partida que começou, mesmo, antes de 1968: a crise estudantil. A segunda foi a crise operária que se uniu à primeira, reforçando-a, e a terceira foi a crise política, abrangendo todo o povo, que permitiu o desfecho. Ainda que as três se misturem, podemos percebê-las distintamente como começo, meio e fim.

As mudanças políticas acarretaram mudanças educacionais e culturais que muito influenciaram a vida dos franceses de hoje, independentemente dos prós e dos contras.

As mulheres, consideradas um rio subterrâneo que desaguou mais além, legaram à posteridade um complemento da primeira vaga feminista, com um campo mais amplo. A representação da diferença sexual não foi impregnada devido à ciência, como pensamos, mas, sobretudo, à política e à cultura. Assim sendo, a luta da época não teria como não implicá-las, tendo sido uma luta de abas largas que abrangeu vários setores.

Apesar de que opositores o taxam de epifenômeno, esse momento histórico é uma referência social, política e cultural de peso, onde o indivíduo passou a ser mais valorizado que a sociedade, e continua a criticar a cultura dominada pela burguesia e pelo Estado, buscando, cada vez mais, a libertação dos costumes

e dogmas ditados por estes.

Maio de 1968 foi, apenas, o começo!

Referências

ALARY, Éric. Il y a 50 ans... Mai 68. Paris, Larousse, 2017.

BAUER, Monique. Filles de Mai – 68 mon mai à moi – Mémoires de Femmes. Lormont, Le Bord de l'Eau, 2018.

FOURNIER, Martine. Mai 1968 et la libération des mœurs. In: Sciences Humaines. Disponível em <https://www.scienceshumaines.com>. Acesso em 01/03/2018.

PERROT, Michelle. Les femmes ou les silences de l'histoire. Paris, Flammarion, 1998.

TRAT, Josette. Mai 68 est les mouvements femmes des années 1970 en France. Publicado em 1/04/2008. In.: Europe Solidaire Sans Frontières. Disponível em <https://www.europe-solidaire.org>. Acesso em 30/03/2018.

ZANCARINE- FOURNEL, Michelle. Pour les femmes, Mai 68 fut comme une rivière souterraine... In: La Semaine de l'Histoire. Disponível em <http://www.semainehistoire2013.com>. Acesso em 30/03/2018.

Filmes

Mai 68, les coulisses de la révolte. Produção: Siècle Productions. France 5 - 25/03/2018. Direção: Patrice Duhamel e Emmanuel Amara.

Le Triangle de Mai. Coprodução: Le Parisien e Cinétévé – France Télévisions - France 3 - Paris Île-de-France - 23/04/2018. Direção: François Hubert-Rodier.

Recebido em 2018-04-30
Publicado em 2018-05-15